

Identidade e Língua. *Milagrário Pessoal* de J. E. Agualusa

Ângela Filipe Lopes

Universidade do Porto

Resumo: *Milagrário Pessoal* de José Eduardo Agualusa apresenta-se-nos como um reflexo da identidade fragmentada e híbrida do sujeito pós-moderno e pós-colonial no espaço lusófono. Este trabalho pretendeu demonstrar a ligação entre o conceito de identidade na pós-modernidade e o ponto de vista de Agualusa sobre a língua portuguesa, que o autor apresenta como fator de unidade no espaço lusófono.

Palavras-chave: identidade pós-moderna; identidade pós-colonial; lusofonia; língua portuguesa

Abstract: *Milagrário Pessoal* by José Eduardo Agualusa is a depiction of the fragmentary and hybrid identity of the post-modern/ -colonial individual in the lusophone space. The following text explores the connection between the concept of identity in post-modernity and Agualusa's point of view about the Portuguese language as a unity element in the lusophone space.

Keywords: post-modern identity; post-colonial identity; lusophonia; Portuguese language

I

(...) o português falado no Brasil seduz mais os estrangeiros do que o português europeu, cada vez mais inçado de consoantes, e nitidamente menos imaginativo no que se refere à capacidade criadora de neologismos.

Alfredo Margarido

Milagrário Pessoal de José Eduardo Agualusa é, como indica o subtítulo, uma apologia da língua portuguesa, que assume o papel de personagem principal do romance. Ao mesmo tempo que nos dá um vislumbre da história do português, o autor vai demonstrando as vantagens da sua descentralização. Uma apologia da língua poderia conduzir-nos por um caminho eivado de considerações acerca da importância de manter a “pureza” do português intacta. Não é o caso. O resto do subtítulo encarrega-se de garantir que o romance não tratará a língua como um sistema erudito. Pelo contrário, antes ainda da apologia da língua, Agualusa faz também a apologia das varandas e dos quintais, como que deslocando-a dos círculos de elite académica ou literária e exaltando desde logo a mestiçagem do português já que “Nos quintais, em Luanda, o quimbundo misturava-se com o português. Também no Brasil o quintal foi durante séculos o lugar onde África repousava do esforço escravo. Ali se contavam histórias (...)” (Agualusa 2010: 126). Confirma-se o subtítulo e a intenção de tratar a língua a partir de um contexto popular e dinâmico em oposição a um elitista e fixo. Apesar de cada capítulo ser apresentado como se fosse um texto académico, logo em seguida somos confrontados com elementos provenientes da oralidade, que aproximam o leitor do narrador, como “Compreendem?” (2010: 64) ou a referência ao conto ovimbundo que dá início ao romance. Confrontamo-nos, assim, com uma mistura de registos, um mais académico ou ensaísta e outro popular e oral, que envolvem uma galeria de personagens provenientes ora de um imaginário popular angolano ou brasileiro, como Moisés da Conceição ou Magda a Meiga, ora de um contexto histórico, como Alexandre Anhanguera, ora de uma mistura de sangue e/ ou culturas, como o próprio narrador ou Fadário da Luz do Espírito Santo. A característica comum aos últimos é sobretudo a mobilidade intercultural e intercontinental. O narrador, angolano anarquista, residente em Lisboa, visitante assíduo do Brasil, Fadário, de ascendência indiana, português, residente em Díli. Convém também referir as personagens femininas, Lara e Magda, que são a imagem de um ideal feminino de perfeição e, ao mesmo tempo, magia. Magda é descrita como uma feiticeira cujo poder de atração é irresistível para os homens enquanto Lara, aparentemente uma jovem linguista prática, nos vai sendo apresentada como tendo um enorme poder de sedução em relação ao professor octogenário.

Agualusa apresenta, pois, um romance que pode ser considerado pós-colonial. Segundo Helen Tiffin,

Post-colonial counter-discursive strategies involve a mapping of the dominant discourse, a reading and exposing of its underlying assumptions, and the dismantling of these assumptions from the cross-cultural standpoint of the imperially subjectified 'local'. (Ashcroft *et al.* 1995: 98)

Milagrário Pessoal não faz só a apologia da língua mestiça. Dá-nos uma perspetiva conservadora do que o centro, Portugal, considera que é o comportamento da “sua” língua através de Iara, que se indigna com o aparecimento dos neologismos, e refuta-a a partir da margem, fazendo a desconstrução do discurso convencionado do colonizador através do professor, que, ao longo da narrativa, vai demonstrando que a língua não só não se reveste da “pureza” etimológica latina, mas está cravejada de influências que a “enegreceram” pelo contacto com os povos colonizados.

Stuart Hall define a identidade pós-moderna em termos que podem definir o narrador anarquista do romance:

Esse processo [de identificação] produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ (...). O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. (Hall 1992: 10-11).

O professor, cujo percurso de vida é o mais diverso possível, cedo se desloca das suas origens africanas para a Europa, onde vive grande parte da sua vida adulta entre a França, a Espanha, a Itália e Portugal, sendo que encontra no Brasil o lugar onde floresce o ideal mestiço. Não se limitando a procurar as suas raízes africanas e a afirmar a sua identidade angolana, o narrador reflete antes um distanciamento que decorre da sua experiência de vida nómada. Afirma que “África libertou-se do domínio colonial europeu, embora não da miséria, da ignorância, da violência. Tão-pouco do colonialismo interno” (Agualusa 2010: 127). Mais adiante recusa criticar Angola, dizendo que “O país é inocente” (2010: 129) em relação ao estado em

que se encontra. Aponta, no entanto o dedo ao “verdadeiro português [que] expressa a sua portugalidade diminuindo Portugal” (2010: 132). Não se pode, portanto, dizer que o professor se identifique com uma identidade cultural pertencente a algum dos países que mais “frequenta”.

Ana Mafalda Leite descreve os autores africanos de língua portuguesa como sujeitos híbridos, de ascendência europeia, com pouco ou nenhum contacto com o universo rural africano e o seu folclore e, conseqüentemente, falantes nativos de português sem acesso às línguas africanas locais (Leite, 1998: 30). Aqualusa, num exercício auto-biográfico, constrói um narrador entre três países, três culturas e uma língua. Mas parece, mais uma vez¹, ser no Brasil que se cumpre a utopia da identidade mestiça. A identidade, nacional ou individual, tal como a língua, é aberta, em constante formação e adaptação a novas circunstâncias e diferenças (Hall 2001: 49).

II

(...) as línguas desenvolvem-se, evoluem, alimentando-se de outras.

J. E. Aqualusa

Os processos de mudança da língua são simbolizados por neologismos, cujo súbito aparecimento indigna lara, bastante relutante em relação à evolução natural e híbrida do português, que chega a afirmar no início da narrativa quase policial que “Não se mexe na língua desta forma. É uma (...) coisa perigosa (...)” (2010: 22). Estas novas palavras surgem com naturalidade em publicações escrutinadas por lara e logo se integram no curso corrente da oralidade, que o narrador define como “a mais radical das subversões” (2010: 22). E vai mais longe:

Repara que ao enriquecer a língua, criando palavras de que nem sabíamos que precisávamos (...), essa pessoa, ou pessoas, quem quer que seja, está também a contribuir para que o nosso pensamento se desenvolva, se torne mais complexo. Trata-se, com efeito, (...) de melhorar uma civilização sofisticando o seu idioma. (2010: 22)

Esta aparente subversão do sistema linguístico vai-se-nos mostrando como o caminho lógico, tendo em conta a história da língua e a origem de palavras já profundamente enraizadas no vocabulário de lara, como lhe assegura o professor, páginas adiante, ao demonstrar-lhe que a etimologia é tão variável quanto a diversidade de influências culturais e históricas sofridas por Portugal e, conseqüentemente, pelo português (2010: 58). A ideia de melhorar a qualidade de uma civilização pela língua é reiterada pelo professor: “Assim como nós criamos as línguas, também as línguas nos criam a nós” (2010: 59). O professor alude a uma dimensão performativa da língua em relação à formação de identidades individuais e, claro, nacionais ou coletivas, que está subjacente à afirmação do narrador. Dizer uma coisa faz com que ela aconteça² pela repetição, ou seja, “A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende da sua incessante repetição.”, como afirma Tomaz Tadeu da Silva³. Portanto, a língua configura-se como meio de subjugação e de criação de identidade usado pelo colonizador, mas em *Milagrário Pessoal* assistimos à subversão do poder de criação e de manipulação do mesmo instrumento. Não é já o colonizador que usa a língua e a manipula como sua, mas o antigo colonizado num ato de defesa fazendo uso da mesma arma.

A origem dos neologismos, que sabemos mais tarde, é de África e de um elemento natural e, ao mesmo tempo mágico, subverte todo o discurso de Portugal (colonizador) sobre a história da língua e a formação das suas palavras. Estes novos vocábulos chegam a artigos de jornais portugueses pela margem. Zé do Telhado, degredado em Angola, que, correspondendo-se com Camilo Castelo Branco, lhe teria feito chegar estas palavras mágicas, foi o promotor do seu primeiro registo. Camilo, interessado em cultivar a riqueza vocabular do seu trabalho tê-las-ia começado a inserir nos seus textos, o que fez com se fossem espalhando por outros registos escritos do português. Assistimos assim ao curioso percurso destas palavras, que, entre a sua origem natural, mágica e oral, fruto do imaginário popular de Angola, e a pena de Camilo Castelo Branco, passam pela mão de Zé do Telhado, representante da margem e de todos os que usam a língua como veículo de comunicação oral. Importa frisar o desvio do centro para a margem na tentativa de reconstruir a origem da língua. O centro não é já Portugal e o latim, mas Angola e a língua dos pássaros doutores. A apropriação da língua é conjugada com as

tradições orais africanas e com a sua Natureza recheada de elementos mágicos. Agualusa afirma numa das suas crónicas, a propósito da criação de neologismos que “Raramente (...) as palavras criadas por um escritor ganham vida real, ou seja, alcançam a linguagem do povo.” (Agualusa, 2000: 137), o que justifica a origem das novas palavras em *Milagrário Pessoal*. Não foram fabricadas, como tantas que Lara tinha já dicionarizado e que se perdiam por serem rejeitadas pela própria língua porque “padecem de graves defeitos congénitos” (2010: 14). Estas novas, que imediatamente entravam para o uso oral quotidiano dos seus falantes, eram provenientes de um elemento natural e portanto adequadas, necessárias e familiares.

A introdução do elemento maravilhoso na origem das palavras, que é consonante com o título do romance, é simbólico da construção da identidade nacional angolana, em que a importância da tradição oral e dos mitos fundacionais do país, como a da lenda da rainha Ginga, foram ganhando relevo num movimento de afastamento da identidade imposta pelo colonizador (Laranjeira 1992: 22). A introdução destes elementos inverosímeis e ontologicamente angolanos contrastam com o discurso em português comum, acessível a falantes de qualquer uma das variedades de português (Laranjeira 1992: 111) numa afirmação da intenção de Agualusa de chegar a todos os cantos da lusofonia através da língua.

III

Se os portugueses comeram dos angolenses (...), hão-de os angolenses comer também seu pedaço dos portugueses, e, desta forma, todos bem nutridos, melhor enfrentaremos o porvir e a cobiça dos povos alheios.

J. E. Agualusa

A ideia de construção de uma identidade através da língua é recorrente ao longo do romance e revela o otimismo de Agualusa quanto à construção de uma identidade lusófona mestiça que se concretiza sempre no Brasil, onde não há lugar para a morte, mas sim para a ressurreição, personificada no romance por uma brasileira ruiva, de passagem pelo Chiado (2010: 16).

A par da língua, também o professor é um nómada que vive entre Angola, Portugal e Brasil, absolutamente confortável e sem qualquer nostalgia em relação ao país de origem. Mas

Anhanguera diz mesmo que pode ser um verso e que “Há versos onde cabe inteira a minha pátria.” (2010: 66-67). Plácido Domingo, angolano de origem indiana, residente em Goa, que relata a história de Fadário da Luz do Espírito Santo, ouvida em Díli, questiona o conceito de pátria, acabando por defini-la como um cheiro de terra molhada, por exemplo (2010: 67). A mobilidade das personagens dentro do espaço de língua portuguesa, a sua identificação com ela e através dela com um sistema coletivo de valores é tanto mais significativa quanto a sua circulação. Fadário, que cultivava o amor ao português, era visceralmente, por influência do pai, contra o regime colonial, que confundia com a própria ideia de pátria. A separação da língua e de Portugal é evidente e acentua-se com a descrição da resistência ao regime indonésio por parte de Fadário através da declamação de sonetos de Camões, com sotaque brasileiro (Agualusa 2010: 72-74). A mistura de circunstâncias é proporcional ao hibridismo que caracteriza as personagens que vamos encontrando ao longo do romance. Até Lara, aparentemente tão certa do rumo que deveria levar a língua e até da sua própria identidade, acaba por ver revelado um segundo nome que indicia uma vida menos académica e mais popular. Mas também o primeiro nome não é de tradição portuguesa, mas brasileira, ou melhor, tupi. Lara é, segundo o folclore da Amazônia⁴, o nome de uma espécie de sereia que atrai, com a sua beleza e o seu canto, os pescadores incautos para o fundo do rio e para a morte. A divinização da imagem feminina está presente em todas as descrições de Lara, que atrai o professor de uma forma crescente ao longo do romance, sendo que é em Olinda que se aproximam mais, embora o professor fuja à atração do abismo, regressando mais tarde a Angola e refutando a morte antes do fim do romance. Há, no entanto, outra figura feminina, que com o seu “canto” atrai os homens. Magda, a Meiga ou Magda Maga que usava palavras diferentes para provocar uma reação praticamente irracional nos homens que a abordavam. Agualusa mistura, mais uma vez, o uso da língua com o folclore de um país colonizado também através dela. Mas ao passo que Angola se confirma como o seu local de origem, o Brasil é onde a língua se multiplica, muda e renasce, prova do otimismo de Agualusa no que diz respeito ao futuro do português e até de uma identidade lusófona. O narrador cita Amin Maalouf para concordar que “quanto mais identidades partilhamos, mais singulares nos tornamos.” (2010:

125). O sujeito híbrido, de identidade fragmentada, pós-colonial faz todo o sentido no espaço lusófono. Uma das particularidades da colonização portuguesa foi ter promovido a miscigenação, ou seja, “a indigenação do colono e a aculturação do colonizado” (Leite 1998: 33).

A língua, não podendo ser alterada por ninguém em particular, é um sistema vivo, permeável e aberto a influências que a fazem renascer. Apesar disso, encerra um sistema comum a todos quantos a falam, o que fornece uma sensação de ajustamento aos seus falantes quando se deslocam dentro do espaço lusófono e, pese embora a existência de diversidade cultural, é também a língua que permite uma relação de interculturalidade consubstanciada no ideal mestiço híbrido exaltado por Agualusa. O conceito de Lusofonia aparece assim associado a um reflexo de pós-colonialidade (Venâncio 2012: 83) que exprime uma identidade comum baseada, neste caso, no património linguístico. Por outro lado, enfrentar o “o porvir e a cobiça dos povos alheios” (Agualusa 2010:32) parece ser também o objetivo do conceito de Lusofonia, numa atitude diferenciadora dos outros blocos linguísticos fortes, como a anglofonia ou a hispanofonia (Mata 2012: 143) sem, porém, no caso de Agualusa, colar a língua a uma ideia protecionista ou centrípeta, mas projetando-a como expressão de direito de uma identidade cultural comum aos países que são seus utilizadores. Sendo questionável o entusiasmo por uma unificação cultural em torno da língua, sacrificando as línguas locais e perpetuando o português como uma língua de império, torna-se claro que Agualusa pretende, com Milagrário Pessoa, dar ao leitor uma imagem do que pode ser uma “comunidade imaginada” (Hall 1992: 51) no seio da língua portuguesa, percorrendo o seu passado colonial e o seu presente pós-colonial, ambos preenchidos por viagens e misturas de gentes e palavras com memória. No passo que se segue, o professor faz um sumário do que ocorre com a língua como sistema vivo e dinâmico: guarda memória individual ou coletiva que o tempo pode fazer esquecer, sem no entanto apagar. Cada palavra pode renascer, guardar os seus múltiplos significados e ganhar outros. O autor parece estar certo de que nesta memória coletiva reside uma unificação utópica do espaço de língua portuguesa.

Em criança (...) escrevi durante muitos meses um diário invisível, seguindo um método (...) que consistia em colocar sumo de limão numa caneta de tinta permanente. Perdi o caderno. Reencontrei-o já

adolescente (...). Eu sabia que aquelas páginas estavam cheias de memórias, entretanto esquecidas (....) surpreendi-me ao verificar que o calor revelara as palavras. O tempo, que tem ainda mais força do que o sol, voltou a apagá-las.

J. E. Agualusa

Bibliografia

Agualusa, José Eduardo (1997), *Nação Crioula*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

-- (2000), *A Substância do Amor e Outras Crónicas*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

-- (2010), *Milagrário Pessoal*, Publicações Dom Quixote, Alfragide.

Ashcroft, et al. (ed.) (1995), *The Post-Colonial Studies Reader*, Routledge, London and New York.

Austin, J.L. (1975), *How to do Things with Words*, ed. Urmson, J.O. & Sbisà, Marina, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Hall, Stuart (1992), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, DP&A Editora, Rio de Janeiro.

Laranjeira, Pires (1992), *De Letra em Riste. Identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe*, Edições Afrontamento, Porto.

Leite, Ana Mafalda (1998), *Oralidades & Escritas nas Literaturas Africanas*, Edições Colibri, Lisboa.

Lima, Isabel Pires de (2013), "Declinação da paixão da língua portuguesa em Agualusa",

Margarido, Alfredo (2001), "Prefácio", in Pinto, Paulo Feytor, *Como pensamos a nossa língua e as línguas dos outros*, Editorial Estampa, Lisboa.

Ângela Filipe Lopes

Mata, Inocência (2012), “A invenção do espaço lusófono: a lógica da razão africana”, in Cristóvão, Fernando, *Ensaaios Lusófonos*, Almedina, Coimbra.

Venâncio, José Carlos(2012), “Lusofonia e cânone lusófono. Da controvérsia dos conceitos à manifestação de duas escritas a partir da margem”, in Cristóvão, Fernando, *Ensaaios Lusófonos*, Almedina, Coimbra.

Webografia: www.bibliotecavirtual.sp.gov.br

Ângela Filipe Lopes é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Ingleses e Alemães pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem uma pós-graduação em Estudos Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Frequenta o Mestrado em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

NOTAS

¹ Nação Crioula também guarda a realização da utopia para o Brasil, onde o ideal mestiço é personificado por Sophia.

² “Can saying make it so?”, questão colocada por J.L. Austin, deu origem à convicção de que a linguagem é performativa, além de descritiva (Austin 1975: 7).

³ Silva, Tomás Tadeu (2000). *Identidade e Diferença*, Petrópolis, Editora Vozes.

⁴ <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/docs/200708-lendasamazonia.pdf> acessado pela última vez em 26 de Janeiro de 2013.